

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XX — No. 9
SETEMBRO de 1979

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Germer Industrial S. A. — Timbó
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.- Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XX

SETEMBRO DE 1979

Nº. 9

— S U M Á R I O —

	Página
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	238
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	244
DR. AFONSO RABE E SUA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO HOSPITAL SANTO ANTÔNIO..	247
A TESE DO DR. GEMBALLA	252
A "HARMONIE - GESELLSCHAFT"	255
HISTÓRICO SOBRE O ABASTECIMENTO DE ÁGUA	258
ESTANTE CATARINENSE	261
ACONTECEU - Agosto de 1979	262
O TEATRO EM BLUMENAU	266
XX JOGOS ABERTOS DE SANTA CATARINA	268

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 80,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 80,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 180,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — A nossa capa, neste número, mostra a reprodução de uma fotografia tirada no ano de 1917, apresentando as senhoritas que, naquela época, integravam a Sociedade Ginástica de Blumenau. A relação nominal das figurantes, será publicada no próximo número.

Subsídios à Crônica de Blumenau

NOTAS LOCAIS

(Exertos do "Blumenauer Zeitung" e do "Der Urwaldsbote")

Por Frederico Kilian

Nos anos de 1901 a 1903, os noticiários e artigos dos dois jornais locais, o "Blumenauer Zeitung" e o "Der Urwaldsbote" caracterizam-se pela s e m p r e mais crescente e ferrenha luta política pela posse do mando no governo municipal, entre as duas correntes locais do Partido Republicano, uma com o apoio velado do Chefe do Governo do Estado e a outra, oposicionista a este, amparada com a decisiva atuação da "Associação Popular". — (Volksverein), agremiação esta já mencionada e amplamente comentada em "Blumenau em Cadernos" Tomo XIX, páginas 247 a 249.

Estas lutas travadas entre os dois jornais, degeneravam muitas vezes até em ofensas pessoais e respectivos revides, atingindo principalmente as pessoas dos dois redatores dos referidos jornais e seus companheiros de luta, mais destacados, ou sejam Hermann Baumgarten, Dr. Bonifácio da Cunha e Dr. Hugo Gensch do lado do "Blumenauer Zeitung" e Eugen Fouquet, Pedro Christiano Feddersen e os dirigentes da "Associação Popular" do lado do "Der Urwaldsbote", tomando estas questiúnculas grande espaço dos referidos jornais, quer na parte redatorial, quer na parte reservada às notas locais e até em publicações "A pedido" ou sob titu-

lo de "Enviado", na parte ocupada pelos anúncios, o que prejudicou muito, em ambos os jornais, o noticiário local referente a ocorrências de interesse geral. Como porém as lutas políticas travadas no campo jornalístico e seu reflexo nas pugnas eleitorais, não cabem bem no âmbito e finalidade dos "Subsídios à Crônica de Blumenau", por merecerem um estudo histórico a parte, deixaremos de lado aquelas publicações eivadas pelas paixões agressivas do momento, limitando-nos apenas às notícias que merecem ser lembradas e consignadas nestes "Cadernos".

x x x

1902 — Bl. Zeitung nº 1, de 4 de janeiro — Dia 27 de dezembro foi inaugurada a nova ponte sobre o Rio do Testo, em Badenfurt. Custo: Rs. 13:300\$000 — Comprimento, 25 m.; largura: 5 m. Cobertura de folhas de zinco. Piso: 7-8 m. acima do nível normal do rio.

Bl. Zeitung nº 8, de 22.2.1902 — No dia 13 de fevereiro os bugges irromperam na localidade de Subida e mataram o morador Manoel Laurentino, o que deixou a viuva em completa miséria, com 6 filhos menores, dos quais o mais velho conta apenas 6 anos.

1902 — Der Urwaldsbote — Nº.

32 de 8 Fev. — A Estação Telegráfica foi transferida para o prédio do Sr. Lenzi, situado à “Industriestrasse” (Rua das Indústrias — antigo Rua das Fantasmas) — hoje denominada “Ange-lo Dias”.

Nº 34 de 22.2. do Der Urwaldsbote — O senhor Max Creuz anuncia ter aberto ao lado da Casa H. Rüdiger & Filhos, uma oficina de consertos de guarda-chuvas, mantendo um sortimento de guarda-chuvas modernos das melhores marcas.

RIO DOS CEDROS — Bl. Zeitung Nº 10 de 8.3. — Dia 25 de janeiro de 1902 a Sociedade Cooperativa de Consumo do Rio dos Cedros comemorou o 3º ano de sua existência. Nessa ocasião foram inaugurados o prédio e demais dependências da sociedade. O espaçoso prédio serve não só para loja, onde os sócios podem fazer as suas compras, como também possui compartimentos adequados para seleção e armazenagem de fumo em folha, uma sala de conferências, alojamento para sócios, açougue, padaria, etc..

HORA CERTA LOCAL — Bl. Zeitung Nº 11 de 15.3 — Em face da grande diferença das horas marcadas pelas igrejas locais, católica e evangélica, pela manhã às 6 horas, ao meio dia e à noite (18 hs.) que às vezes divergiam até 20 minutos, o Sr. Paulo Husadel instalou um relógio grande sobre a porta de seu negócio (atual Casa Husadel) para remediar este mal e acabar com

a confusão gerada por esta diferença, entrando em entendimento com o Sr. engenheiro Emilio Odebrecht, para lhe fornecer a hora exata local, segundo os seus cálculos, à base da posição do sol. Assim a população terá a hora exata e seria de recomendar os encarregados das duas igrejas para se orientarem e regular pelo mesmo relógio.

ASSALTO DE BUGRES. Os dois jornais locais — (Bl. Ztg. e Urw.) relatam de um assalto dos bugres ocorrido no dia 1º de julho, às 10 horas na localidade de Ipiranga, em São Pedrinho, zona de Rodeio, uma zona colonizada na sua maioria por polonezes, matando ali um casal, o homem e uma criança mortos a golpes; a mulher foi encontrada morta, com duas flechadas, no mato. 2 crianças foram feridas vindo a falecer uma destas em virtude dos ferimentos. Os bugres levaram ferramentas e roupas. Moradores da localidade, (entre estes o padre Luciano) seguiram em perseguição dos bugres. O padre Luciano que acompanhou as pessoas que seguiram ao encalce dos bugres, seguiu com o intuito de parlamentar com os bugres e evitar futuros massacres. Os jornais mencionam apenas que as vítimas foram colonos italianos, sem dar o nome desta família.

Parece que a expedição não chegou a encontrar os bugres, pois o jornal “Der Urwaldsbote” do dia 12 de julho relata um segundo assalto dos bugres, desta vez ocorrido na localidade de Benedito Novo. O colono August Schuhmann trabalhava no ter-

reiro de sua casa, auxiliado por um visinho, quando inopinamente recebeu uma flechada na perna. Virando-se assustadamente, viram 4 bugres na proximidade. Schuhmann pulou para dentro de casa e tomando uma espingarda, deu um tiro de chumbo grosso contra um dos bugres, acertando-o no peito, ferindo-o gravemente. Os três outros tomaram logo o ferido e desapareceram com ele no mato. Mais tarde foram encontradas 3 flechas que os bugres haviam deixado na ocasião da fuga.

Ainda sobre assaltos de bugres, no ano de 1902, os jornais locais do dia 8 de novembro, relatam que no dia 3 de novembro (1902) os bugres surpreenderam, num assalto, diversos lenhadores, operários do Sr. Augusto Sohn, que estavam ocupados no mato em serrar taboas. Mataram um alemão de nome Krause e ainda o colono Hermann Zinke, um outro, de nome Engelhardt ficou ferido. Os operários fugiram, pois dentro do mato os bugres tinham superioridade; os bugres levaram 5 serras e 7 machados.

Com referência aos assaltos de bugres e as perseguições que em revide lhes foram feitas, no jornal "Blumenauer Zeitung" encontramos várias publicações que a seguir resumimos.

1905 — Nº. 11 DE 18 DE MARÇO — Conforme notícia o jornal "Novidades" de Itajaí, realizou-se no começo de Fevereiro, uma "Caça aos bugres", quando a 4 de fevereiro, uma turma de 16 homens, chefiada pelo "bugreiro" Martinho Marcelino, de Angelina, entrou nas matas na localidade do

Ribeirão do Ouro. Após 2 semanas de exploração selva a dentro, encontraram um acampamento de bugres, recém-abandonado, onde num rancho encontraram um pilão com muitas ervas secas e também um cadáver de bugre, envolto em folhas de caetê. A turma parou ali e Martinho fez uma excursão de reconhecimento, com mais 3 de seus homens. Encontraram um cruzamento de picadas limpas. Subindo numa árvore, Martinho viu um numeroso grupo de bugres, pelo que desceu da árvore e foi buscar reforço no Ribeirão do Ouro. Voltou com mais 7 homens, aumentando-se a turma para 24 homens, equipados com suficiente mantimentos, armas e munições. Chegados no ponto onde Martinho havia visto os bugres, verificaram que os mesmos se haviam retirados em direção a Oeste. Continuando em perseguição dos mesmos, tiveram que atravessar grande trecho de mata virgem, transpondo, em balsa improvisada um rio que julgaram ser um braço ou afluente do Rio Tijucas. Dia 23 de Fevereiro, finalmente descobriram uma taba composta de cerca 90 malocas de bugres, deserta por estes. Ali encontraram 62 jararacas mortas e 112 ninhos de abelhas vazios.

Nesse dia notaram que os bugres não podiam estar mais muito longe. Martinho adeantou-se à turma e nessa incursão de reconhecimento localizou o novo acampamento dos bugres. Ante a superioridade numérica dos mesmos, resolveu atacá-los de surpresa, na calada da noite. Para não se perderem na caminhada ao a-

câmpamento e não se dispersárem, formaram uma fila em corrente, segurando-se um na mão do outro, indo Martinho na ponta. Com muita cautela e silenciosamente, chegaram à clareira do acampamento que foi logo cercado pelos homens de Martinho. A um sinal dêste, avançaram de todos os lados contra o acampamento, assaltando os bugres que estavam dormindo e, que surpreendidos pelos brados dos atacantes, não pensaram e nem tiveram tempo em pegar nas suas armas para se defenderem, originando-se então uma enorme confusão. Os atacantes, com punhais e facões em punho realizaram uma verdadeira chacina, não deixando vivo um só bugre e não poupando suas mulheres e crianças encontradas nos ranchos. Apenas um rapaz de cerca de 8-10 anos de idade, que mais tarde foi encontrado escondido, ao raiar do dia, foi feito prisioneiro.

Tudo que foi encontrado no acampamento foi levado pelos homens de Martinho, como prêsas. Após ter estado cerca de um mês no mato, a turma voltou no dia 4 de março a Brusque, trazendo, além da criança aprisionada ainda mais de cem flechas, umas dezenas de arcos pequenos e grandes, muitas lanças das mais variadas formas, espetos, venábulo, dardos, muitas ferramentas, tres sacos com colares, tesouras, navalhas, facas, cordas, cêstas e outras miudezas, como moedas de cobre, vinténs, pulseiras, dedais, cartuchos vazios, fivelas, correntes de prata, peças de relógios, dentes de feras e até uma estola de frade, além de um cão. No artigo do jor-

nal "Novidades" não foi relatado como toda a tribo foi exterminada, porém pelo relato de um ou outro participante da excursão pode-se concluir que a ação foi uma das mais violentas e horrendas e a mais cruel e desumana que qualquer ataque até então praticado pelos bugres contra as moradas dos colonos ou passagem dos tropeiros.

O jornal "Blumenauer Zeitung" em suas edições de 8 e 15 de julho de 1905, relata que no dia 4 de Julho os bugres irromperam na localidade de Pombas onde mataram 22 rezes do Sr. Knoblauch e mais 4 cavalos, acampando com suas mulheres e crianças nas imediações, pelo que se deduzia tratar-se de um numeroso grupo. Além disso assaltaram, na estrada da serra, diversas tropas de lageanos que passaram por aquela zona, matando e saqueando a seu bel-prazer. Também assaltaram a propriedade do Senhor Kuhlmann, na localidade de Pombinhas, matando aii mais de 10 cabeças de gado.

Encetada uma perseguição, foi encontrado um acampamento abandonado de 30 metros de comprimento por 20 m de largura, no qual haviam 14 lareiras e outro acampamento de 15 metros de comprimento por 10 de largura com 4 lareiras grandes.

Em telegrama enviado ao Governo, o Sr. Knoblauch solicitou providências dêste para proteção dos moradores e dos tropeiros, relatando outros assaltos ocorridos. Assim, na localidade de Aterrato Torto foi encontrado o cadaver de João Germano, morto com uma flechada no coração e

despido de suas roupas. Todas as mulas foram mortas e descarnadas, enquanto que as mercadorias foram espalhadas pela estrada. Três quilômetros além foi encontrado um animal cargueiro morto com duas flechadas e descarnado. Os bugres permaneceram no mesmo local fazendo grande gritaria. Dois dias depois foi morto, outro tropeiro e ferido tres companheiros, enquanto que a tropa de cargas foi dispersada.

Relata ainda o jornal, em sua edição do dia 26 de Agosto, que apesar do envio de um destacamento de 10 soldados da polícia, sediados em Pouso Redondo, os bugres continuavam com seus ataques aos moradores e aos tropeiros que se dirijiam ao litoral ou voltavam ao planalto. Assim atacaram o Sr. Augusto Petters, fiscal das linhas telegráficas, quando voltava de uma viagem de inspeção, na localidade de Alto da Serra com duas flechadas. Uma flecha atingiu-o na altura do peito, atravessando o paletó, colete e encravou-se num livro e masso de jornais que trazia no bolso, enquanto que a outra flecha causou-lhe um ferimento na mão. Petters respondeu com tiros de pistola contra o grupo dos bugres, contando 5 destes, os quais proferiam palavras injuriosas em português, pelo que se presume pertencerem ao tribo dos "Coroados", vindo do Paraná.

Em sua edição N°. 45, de 11 de Novembro de 1905, o jornal "Blumenauer Zeitung", reportando-se a uma reportagem do jornal "O Imparcial" de Lages, traz um relato de um assalto de bugres à

Fazenda Figueiredo em Serra do Max, nas margens do rio Barra Nova, onde as famílias Alves e Lucio se dedicavam à lavoura, ali construindo 8 ranchos para armazenagem dos produtos de suas plantações de milho e feijão. Quase todos os anos os bugres roubavam feijão e milho dos ranchos e as famílias destes lavradores além serra, achavam que os bugres tinham interesse na permanência destas famílias e seu trabalho na localidade e assim deixaram de precaver-se de possíveis assaltos, o que lhes foi fatal, pois no dia 10 de Outubro, quando 25 homens trabalhavam nas lavouras daquela Fazenda, nas baixadas dos Campos do Goiabal, precisamente ao meio dia, êstes homens que trabalhavam separadamente em diferentes postos, foram atacados pelos bugres que irromperam com grande gritaria contra o rancho de Severiano, Ribeiro, ferindo um filho de Domingos Alves.

O próprio Severiano foi gravemente ferido e conseguiu agarrar o mato e fugir transpondo a serra com três filhos. Os demais trabalhadores também conseguiram fugir e com muito custo trazer o corpo de Hortencio, que foi morto pelos bugres, que começaram uma gritaria, ouvindo-se frases em português, proferidas pelos bugres, tendo um dêles até desafiado a Antonio Valente a jogar fora a sua espingarda e se aproximar a eles, se tivesse coragem.

No dia 12, uma turma de 14 homens voltou ao local da luta para buscar o que ainda podiam sal-

var de seus pertences e afugentar os bugres.

Relata o "Blumenauer Zeitung" em sua edição Nº. 46 de 18 de Novembro, que a turma que no mês anterior foi ao encalce dos bugres na Fazenda Figueiredo, aumentada com outros elementos, para 20 homens, voltou de sua expedição, comandada pelo "bugreiro" Martins, de quem se diz ter jurado vingança pela morte de sua esposa e dois filhos, massacrados pelos bugres. Nesta expedição Martins perdeu ainda seu cunhado Ignacio, que o acompanhava e foi morto a flechadas pelos bugres, índios "coroados". Ignacio morreu no mato em virtude dos ferimentos e seu corpo foi trazido a Pouso Redondo onde foi sepultado. Martins e seus homens capturaram e trouxeram 12 crianças da tribo dos coroados, sendo 6 rapazes e 6 meninas e mais duas mulheres, além de muitas armas, 8 cães e outros objetos, pretendendo levar tudo a Blumenau, conforme telegrafou na ocasião o Sr. Leopoldo Knoblauch, que ao mesmo tempo pediu que se providenciassem carroças em Rio do Sul, para levar os indígenas presos e seus guardas, por acharem-se todos muito cansados. Segundo relato da turma expedicionária, esta encontrou no acampamento dos índios, 129 ranchos, com cerca de 250 índios coroados. Após a sangrenta batalha, e retirada da turma com seus prisioneiros, os coroados ainda os seguiram por um certo trecho, chegando mesmo perto dos brancos, que não lhes deram oportunidade para novo combate. É de se salientar que o

grupo dos índios pertencia ao tribo dos coroados e não de botocudos.

Nº. 47 — 25 NOV. 1905 — Sexta-feira, 17 de Novembro chegaram a Blumenau os bugres capturados pela turma de Martins. Eram duas mulheres e 12 crianças. Estes infelizes, da tribo dos coroados, estavam em lamentável estado físico pelo cansaço e doença. Foram alojados provisoriamente, a noite, no quartel do destacamento policial e no dia seguinte numa casa à beira do bosque na colina das Irmãs da Divina Providência, para serem entregues posteriormente a varias familias locais, segundo determinação do governo estadual, a fim de serem educados. Das crianças, nas idades de cerca de 1 1/2 a 6 anos, quatro delas provavelmente pertenciam às duas mulheres capturadas, as demais parecem pertencerem a outras familias, das quais não se sabe o destino que tiveram. A alegação de Martins, de que as mulheres resolveram acompanhar voluntariamente a turma, não merece crédito, pelo fato de terem as duas mulheres tentado fugir com 4 das crianças na noite de segunda para terça-feira. Uma das mulheres e tres crianças foram recapturadas na terça-feira, enquanto que a outra e uma criança não foram mais encontradas. Como já foi declarado, os indígenas pertencem a tribo dos coroados e presumivelmente vieram dos campos do Paraná. Infelizmente os aprisionados não entendem e nem falam o português e assim torna-se impossível saber maiores detalhes

da "afugentação" promovida pela turma de Martins.

Como se sabe, comenta o jornal, no começo da colonização os bugres "botocudos" só atacavam as moradias dos colonos para roubar ferramentas e outros objetos, fazendo grande gritarias ou atirando pedras contra os ranchos e sómente quando os moradores haviam fugido, se aproximavam para saquear a casa. Sómente após um bugre ter sido morto, num desses ataques no ribeirão da Velha, é que começaram a praticar atos de violência e ataques contra a vida dos colonos, originando-se daí em diante a vingança de sangue de parte a parte e cada vez de forma mais violenta, como é do conhecimento geral. As crianças capturadas foram postas, por despacho do Juiz de Direito da Comarca, datado de 20 de Novembro de 1905, sob a tutela dos senhores Leopoldo

Zimmermann, Cunha Silveira, Francisco Margarida, Paulo Zimmermann e Luiz da Veiga, e receberam os seguintes nomes: Maria Yatay, Silvio Timbira, Maria Iracema, Paula Tayatinga e Luiz Yandiroba.

(Nota do autor: A primeira incursão dos botocudos deu-se a 28 de Dezembro de 1852, no ribeirão da Velha, seguindo-se anos seguidos, outros ataques até a época, em que, no ano de 1914, Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, neto do Duque de Caxias, corajosamente entrou em contrato com os bugres sediados na então área da colonia Hansa-Hammonia, na zona do Rio Plate, reunindo e fixando-os num posto de pacificação, mais tarde denominado, em homenagem ao avô materno de Eduardo, "Posto Duque de Caxias", onde hoje ainda se encontram, já quasi todos civilizados).

A História de Blumenau revela:

ENCHENTE OCORRIDA EM OUTUBRO DE 1870 CAUSA SÉRIOS ESTRAGOS À COLÔNIA

Cartas do Dr. Blumenau ao Presidente da Província revelam dramática situação — Habitantes exaltados provocam desordem e criam graves problemas ao fundador —

1ª. carta — Nr. 72

"Diretoria da Calônia Blumenau, 19 de outubro de 1870

Ilmo. e Exmo. Snr.

Cumpro-me o desagradável dever, participar á v. excia. que, desfechando-se nesta parte, na noite do dia 9 deste mês e dias seguidos um forte temporal, acompanhado de terríveis chuvas, que duraram alguns dias e até hoje não cessaram inteiramente, bem que se moderaram. o rio Itajaí subiu a grande altura, causando uma extensa enchente e con-

sideráveis estragos etc., comunicações foram inteiramente e em parte ainda hoje se acham interrompidas, de maneira que achamo-nos sem novas algumas tanto das partes remotas da colônia, como e sobretudo da Capital e Villa, constando apenas vagamente, que entrasse na enseada do Camboriú um navio destinado para este rio e que trouxe correspondência oficial e particular e fundos para esta Diretoria, por mim com ansiedade esperados no princípio deste mês.

O estrago nas estradas, caminho e em diferentes pontos provisórias e em construção é quanto até hoje posso reconhecer e avaliar, bem considerável. Tendo já feito e continuando em fazer o possível para sofrivelmente restabelecer as comunicações e proceder aos consertos mais urgentes, acho-me porém na mais difícil situação, visto que não tive ainda aviso sobre a quantia, que no corrente trimestre estou autorizado para despendar com os serviços desta colônia.

Ouso, portanto, repetindo meu pedido, apresentado em ofício de 25 de agosto, de novo e tão respeitosa quão encarecidamente rogar, v. excia. queira dignar-se, de mandar pagar ao meu procurador e para as despesas desta colônia no corrente trimestre, a quantia de Rs. 17:500\$000, a qual em consideração dos estragos causados pela presente inundação, é ainda mais indispensável do que já foi anteriormente a antes desta nova calamidade.

Para não abusar da paciência de v. excia., abstenho-me de mencionar diferentes outros assuntos de importância para o serviço desta colônia, pedindo ao sr. Fernando Hackradt, que vocalmente os expõe à v. excia., e rogando respeitosamente v. excia., na sua acostumada bondade, queira dignar-se de ouvi-lo com benevolência e se for possível favorecer-me com avisos á respeito. — Deus guarde V. Excia. — Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Francisco Ferreira Corrêa — Presidente da Província. O Diretor — Dr. H. Blumenau”.

2ª. Carta

Nº. 73 — Diretoria da Colônia - Blumenau, 1º. de novembro de 1870.

Ilmo. e Exmo. Snr.

“As sérias circunstâncias em que me acho, e as ainda mais sérias que me ameaçam, me obriga mandar á v. excia. o sub-delegado de polícia e agrimensor desta Colônia, Emilio Odebrecht, para melhor e vocalmente expor a v. excia. a situação da mesma no atual momento e trazer-me com brevidade as ordens e os avisos de v. excia. á respeito, achando-me eu mesmo impedido, pelos meus incomodos de saúde e a necessidade da minha permanência aqui na presente época, de apresentar-me pessoalmente á v. excia. .

Como já tive a honra de informar diretamente por meu ofício de 19 do mês p.p. e por intermédio do Sr... (ilegível), as recentes terríveis chuvas e a inundação causaram nesta colônia graves estragos em pontes, caminhos e propriedade particular.

Não me concedendo v. excia. por ora e por Aviso de 21 do mês

próximo passado, que recebi só há uma semana, senão a quantia de 14:000\$000, em lugar de 17:500\$000, que me havia animado, solitar como necessários em circunstância regulares e que nas atuais extraordinárias são ainda mais necessárias, fiz imediatamente a conveniente distribuição dos fundos, para acudir em primeiro lugar às necessidades mais urgentes e dar trabalho àqueles colonos, á que ainda competiam, conforme o regulamento, dias de serviço. Não chegando porém os fundos, postos à minha disposição, para satisfazer à todas as necessidades e exigências, aliás justificadas, e fazendo eu por esta razão um apelo aos colonos, para que auxiliem a pronta execução das obras e consertos mais urgentes, trabalhando certo número de dias mediante pagamento em dinheiro e outros tantos por conta ou desconto das suas dívidas ao Governo Imperial, grande número dos mesmos não só se recusou prontamente — instigados de um lado, como me parece indubitavelmente por alguns obstinados e ranzinzas, mas que de outro lado também e em efeito se acham na urgentíssima necessidade, sobretudo em consequências das recentes calamidades, de ganharem algum dinheiro para o sustento das suas famílias — mas ainda deu-se ontem nos aposentos desta Diretoria um tumulto, muito grave, que ameaça repetir-se em maiores proporções, visto que me foi declarado pelos tumultuosos que, se não acudir em breve 200 homens mais haveriam de em poucos dias se me apresentar para apoiar seu pedido. Mandando eu então pedir o auxilio e a presença do 1º. suplente em exercício do Sub-Delegado de Polícia, E. Schadrack, para restabelecer a ordem e prender alguns desordeiros, e respondendo o mesmo que eu me tenha de dirigir ao inspetor de quartirão — !! — eu com os poucos empregados presentes teria sido exposto á maiores insultos e violências ainda, do que já sofremos, se não tivessem acudido outros honrados habitantes e colonos. Consegui finalmente apaziguar os espiritos e restabelecer a ordem, mas tendo se dado o pernicioso exemplo de que da parte do Polícia não ficam presos e processados efetivos desordeiros e que esta Diretoria impunemente pode ser insultada, e a ordem e tranqüillidade pública perturbada, sem gozarem da proteção da autoridade legal, é de se prever, que as intigações e intrigas e, em consequência destas, cenas de desordem e tumultos não só sempre mais frequentemente se repetirão, mas ainda se tornem sempre mais graves, até que chegam a seriamente perturbar a ordem pública nesta colônia e num funesto dia redundarem em efetivas desgraças e crimes.

O agrimensor Odebrecht terá a honra, de informar a v. excia. mais circunstanciadamente sobre este e outros assuntos, concernentes os serviços desta colônia, e também o encarreguei, de me trazer fundos de meu procurador.

Imploro, portanto, a v. excia., á vista de todas estas calamidades circunstanciais, e mui respeitosa e rogo, v. excia. me queira conceder ainda para as despesas do atual trimestre, os Rs. 3:500\$000, que foram descontados dos 17:500\$000, que eu havia solicitado, dignando-se

também, de conceder a esta colônia os três policiais que ha tempo solicitei e que sempre mais se tornam necessários. A população desta colônia, é de gente muito ordeira, mas não é para admirar que entre mais de 600 (seiscentas) almas existem também turbulentos e desordeiros e sendo e ficando o braço da Polícia e também desta Diretoria completamente impotentes, aqueles impunente podem continuar com ameaças e sempre mais seriamente comprometer a segurança e tranqüilidade públicas. — Deus Guarde á V. Excia. — Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Francisco Ferreira Corrêa — Presidente da Provincia. — O Director — Dr. H. Blumenau”.

DR. AFONSO RABE E SUA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO HOSPITAL SANTO ANTÔNIO E À SAÚDE PÚBLICA DE BLUMENAU

É com o maior júbilo que “Blumenau em Cadernos” registra, nesta edição, o transcurso dos 50 (cinquenta) anos de formatura, em medicina, do abalizado quão bemquistô homem público Dr. Afonso Rabe, neste ano de 1979.

Sabedores de que s.s. teve atuação destacada na vida pública blumenauense, exercendo diversas atividades e ocupando postos importantes que marcaram época nos destinos de Blumenau, formulamos solicitação ao distinto amigo no sentido de que realizasse um trabalho de narração, registrando os fatos mais importantes que o ligaram à vida pública blumenauense, para que pudessemos registrá-los nestas páginas.

Atendendo ao nosso pedido, o Dr. Afonso Rabe elaborou o trabalho, cujo teor histórico muito auxiliará nas pesquisas futuras. É este o trabalho que passamos a divulgar em duas edições e que tem como título: “Minha contribuição à história do Hospital Santo Antônio e à Saúde Pública em Blumenau”. Ei-lo:

“Ao completar neste ano de 1979 os meus cinquenta (50) anos de formatura em medicina, eu desejo lembrar algumas passagens de minhas atividades relacionadas com o assunto acima titulado e por mim desenvolvidas em prol da coletividade de Blumenau.

Preliminarmente permito-me revelar que eu fui o primeiro blumenauense a fazer todo o curso de medicina no Brasil. Houve, na verdade, um outro blumenauense médico, antes de mim. Foi um irmão

do ex-Prefeito Frederico G. Busch, mas ele estudou e se formou na Alemanha, (em Berlim, salvo engano meu,) e não chegou a clinicar aqui em Blumenau.

Logo depois de minha graduação na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em dezembro de 1929, voltei a Blumenau para gozar algumas semanas de férias e ao mesmo tempo resolver sobre os novos rumos a tomar na profissão.

Senti de imediato que aqui eu teria dificuldades. Se "santo da Terra não faz milagres", o que poderia esperar eu?!

Realmente, nessa época ainda havia uma indisfarçável desconfiança e descrença na eficiência da medicina brasileira, por estas bandas. Também fui logo cientificado de que não havia nenhuma possibilidade de poder trabalhar, quer no Hospital S. Izabel quer no Hospital Sta. Catarina. Cada um destes tinha apenas um médico, com contrato de exclusividade e ambos eram e ainda são entidades particulares e, por conseguinte, lhes assistia e assiste o pleno direito de regulamentá-los de modo como melhor lhes conviesse e de acordo com as diretrizes e costumes da época. Ademais, ser cirurgião, então, era o primeiro e indispensável requisito para trabalhar nesses hospitais e eu era apenas um clínico-geral incipiente.

Contudo, para quem como eu, nem sequer tinha começado o exercício da profissão, positivamente as perspectivas locais não eram lá muito animadoras. Já se me vislumbrou a idéia de me estabelecer em algum outro lugar, mas naquelas férias de janeiro de 1930 eu não cheguei a tomar nenhuma decisão quanto ao meu destino médico.

Eis que, em fevereiro de 1930, nosso conterrâneo, dr. Victor Klonder, então Ministro da Viação do Governo Washington Luiz, mandou-me chamar ao Rio e ofereceu-me um cargo interino de médico da marinha mercante, o que aceitei com muito prazer. Nesta qualidade eu fui designado médico a bordo do navio "Raul Soares", do Loide Brasileiro, o qual fazia a linha da Europa. Assim viajei de março até outubro daquele ano.

Em fins de 1930 eu voltei à Blumenau e em janeiro de 1931 por circunstâncias de última hora, a título de experiência, resolvi abrir um consultório particular de clínica-geral, aqui mesmo. Para minha surpresa fui feliz e cá estou até hoje.

Havia então, em Blumenau e arredores, apenas 5 médicos, todos alemães, sendo: um no Hospital Sta. Izabel e um no Hospital Sta. Catarina (ambos eram cirurgiões, especialmente contratados, os quais aqui permaneciam alguns anos e voltavam para a Alemanha); um terceiro médico era clínico e atendia também aos indigentes no Hospital alemães, sendo: um no Hospital Sta. Izabel e um no Hospital Sta. Camorte, da mesma forma um especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta; e por último, mais um clínico, com consultório particular na cidade, mas que pouco tempo depois se transferiu para outra localidade do interior do Estado.

Nesse meio de velhos e austeros esculápios estrangeiros, com

uma desculpável audácia de jovem, tive a coragem de me estabelecer como o único médico brasileiro, na época, em Blumenau. Mas como Deus é brasileiro, tudo bem!

Devo ressaltar desde logo que o quadro médico da cidade, começou a mudar gradativamente, da metade da década de 30 em diante, com a chegada de cada vez mais médicos brasileiros a Blumenau. Ademais, nossa nova legislação federal, em defesa da classe médica nacional, não permitiu mais o livre exercício da profissão por médicos estrangeiros, não devidamente habilitados no Brasil, sendo lhes feitas uma série de exigências para o reconhecimento de seus diplomas originais, tal qual era e é exigido em todos os países.

Estas e outras contingências mudaram também, forçosamente, a orientação e regimentação interna dos 2 principais hospitais locais, onde, aos poucos, foram sendo admitidos mais médicos.

A notável evolução que os rumos tomaram nestes 50 anos pode ser avaliada pelo fato de, nesta data, só no Hospital Sta. Izabel, trabalharam 65 médicos, todos brasileiros.

Contudo, a preferência pelos médicos alemães até 1930, era perfeitamente compreensível. Blumenau e suas redondezas foram colonizadas por alemães e, então, ainda se falava aqui quase que exclusivamente o idioma alemão. Sabidamente, os maiores culpados desse estado de coisas foram os nossos próprios Governos, estaduais e federais, das décadas anteriores a 30, que primaram pela inércia na instalação de escolas brasileiras nesta região, quer em número quer em qualidade. Os imigrantes alemães, tradicionalmente habituados à alfabetização de seus filhos, na omissão dos Governos, construíram suas próprias escolas e buscaram na Alemanha os professores que não conseguiram aqui.

Tal situação anômala só começou a mudar, indiscutivelmente para o bem coletivo, com as radicais medidas de nacionalização tomadas depois de 1930. Aliás, apesar dos acontecimentos da 1ª. guerra mundial (1914/18) e seus reflexos aqui, de então até 30, poucos pais de Blumenau tiveram a visão de levarem seus filhos para Florianópolis a fim de os fazerem cursar o ginásio, no único estabelecimento oficialmente reconhecido, naquela época, em todo o Estado de Sta. Catarina, — o Colégio Catarinense, dos Jesuitas, com externato e internato —. Entre os felizardos alunos que nele conseguiram entrar em 1919, estava eu.

Depois destas divagações prévias, entremos no assunto específico a que eu me propuz, começando pelo Hospital Municipal daquele tempo.

O Hospital Sto. Antônio de hoje é a última etapa daquele que é o mais antigo estabelecimento hospitalar de Blumenau. A primeira casa levantada para este fim, foi mandada construir pelo próprio fundador da Colônia, dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, lá pelo ano de 1870. De tão modesta que era, de madeira, ruiu totalmente em princípios de 1874, sob um violento temporal. O mesmo dr. Blumenau provi-

denciou no prazo mais rápido possível, uma edificação mais forte e maior, a qual entrou em funcionamento regular a partir de 1876. Anos mais tarde essa construção foi ampliada, já em alvenaria, embora ainda precária.

As portas desse Hospital Municipal foram as únicas que se me abriram para o exercício médico, quando comecei a clinicar aqui, em janeiro de 1931.

Ao idoso e já adoentado médico que lá atendia aos indigentes, ficou cada vez mais difícil a tarefa, e lá ia eu freqüentemente para substituí-lo, para afinal, com a morte do bondoso colega, assumir definitivamente o encargo.

Lá eu passava diariamente cerca de 2 a 3 horas, pela manhã, para atender gratuitamente os doentes indigentes, no ambulatório e os internados, — havia somente uns 15 a 20 leitos. Apenas casos clínicos; os cirúrgicos eram encaminhados pela Prefeitura para um dos outros dois hospitais, sendo que a maioria era atendida no Hospital Sta. Iza-bel.

De princípios de 1933 em diante, na administração do Prefeito Jacob Alexandre Schmitt, eu comecei a receber uma remuneração mensal pelos serviços prestados aos indigentes. Estas atividades eu continuei até meados de 1941, portanto, quase 10 anos, quando eu próprio fui nomeado Prefeito Municipal, por circunstância e motivos que mais adiante esplanarei.

Pela idade do prédio e sua deficiente conservação é fácil imaginar em que lamentável estado ele se encontrava naquela época.

O telhado, em parte de zinco esburacado e em parte de telhas já apodrecidas, em dias de fortes chuvas apresentava tantas goteiras que o hospital mais parecia um único grande chuveiro. As abnegadas Irmãs da Irmandade de S. Francisco que assumiram a administração do hospital em março 1936, em último recurso chegaram a distribuir guarda-chuvas aos doentes a fim de não se molharem dentro de seus leitos, já que as goteiras eram generalizadas e não resolvia deslocá-los para outro lugar, nas enfermarias! De conformidade com o telhado, estava todo o restante do prédio (assoalho, paredes, janelas, portas, etc.), portanto, indigno de continuar a merecer o nome de hospital, mesmo servindo somente a indigentes, que afinal de contas não deixam de ser gente.

A cada novo Prefeito Municipal que assumia, eu fazia questão e mostrar o deplorável estado em que se encontrava o hospital. Note-se que naquele tempo os Prefeitos se sucediam com relativa frequência, pois, desde a revolução de 1930 até 1945, foram todos simplesmente nomeados e exonerados, com exceção de único eleito em 1936, mas que só pôde exercer o mandato até novembro de 1937 — pouco mais de um ano —, pois, após a fracassada tentativa de derrubada pela força do Presidente Getúlio Vargas, por partidários do "Integralismo" — movimento político daquele tempo, — lá no Rio, houve o contra-golpe do Governo Federal, pelo qual foram extintos o Congresso Nacional,

as Assembléias Legislativas Estaduais e as Câmaras Municipais, bem como destituídos todos os Governadores e todos os Prefeitos Municipais do país, criando-se então o chamado "Estado Novo Brasileiro".

Infelizmente, meus insistentes pedidos por reformas substanciais e inadiáveis não tiveram guarida. Eu já estava certo e cada vez mais resignado de que o velho hospital estava irremediavelmente condenado a desaparecer dentro de breves dias, uma vez que nesse sentimento havia opiniões favoráveis até de várias personalidades muito influentes na cidade.

Eis que em meados de 1941 o cargo de Prefeito Municipal de Blumenau estava mais uma vez vago e, em junho daquele ano, eu recebi o surpreendente convite para aceitá-lo. Como não podia deixar de ser, minha primeira reação perante o emissário do Governo, o Sr. Juiz de Direito de Itaipava, dr. Alves Pedrosa, — foi o de perplexidade e de negativa. Argumentei que antes de tudo eu era médico e não tinha motivos nem vontade nenhuma para sacrificar minha profissão única por um cargo temporário que me era totalmente alheio e que absolutamente não me seduzia, pois nunca tivera o menor pendor para a política, como aliás, não tive depois. Meu ofício era a medicina e nada mais.

E no entanto, — estranha ironia —, acabei aceitando a incumbência por causa e em prol da medicina! Melhor explicando, única e exclusivamente por causa do Hospital Municipal que eu queria salvar da morte certa e muito próximo. Convenci-me que somente na qualidade de médico e de Prefeito Municipal, agindo com rapidez, é que eu poderia realizar essa aspiração, para qual eu não conseguira acolhida até então e certamente não a conseguiria posteriormente.

Ao me apresentar dias depois ao Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado — então, o novo título para Governador —, em Florianópolis, para onde eu fora chamado, expuz esses meus desejos e condicionei-os ao aceite da missão na Prefeitura, que eu esperava ser a mais breve possível, solicitando mesmo a S. Excia. que desde já se dignasse a procurar o meu sucessor. Ele prontamente me autorizou a realizar meus planos quanto ao hospital e, além disto obtive ainda sua promessa de mandar construir pelo Estado, o "Centro de Saúde" em Blumenau.

Logo que tomei posse do cargo, em fins de junho de 1941, mandei transferir os doentes do Hospital Municipal, - que deixei aos cuidados do dr. Oswaldo Neves Espindula, - para um velho casarão ao lado, o qual em tempos idos tinha sido um salão de bailes públicos e cujo terreno acabei adquirindo pela e para a Prefeitura a fim de ampliar o exíguo espaço primitivo do antigo hospital. Feito isto, mandei demolir imediatamente o velho prédio, estribado num laudo pericial de uma comissão de engenheiros formada pelos drs. Celso Salles, Antonio Vitorino d'Avila e Gil Fausto, especialmente designados para tal, os quais foram unânimes e categóricos em condená-lo, por não oferecer mais as mínimas condições de segurança.

Na minha inexperiência de administração pública que eu ainda julgava semelhante à iniciativa particular, eu esperava poder iniciar sem mais demora a nova construção, uma vez concluídas as respectivas plantas e, feito isto, solicitar minha substituição no cargo de Prefeito; voltar aos meus afazeres profissionais médicos e acompanhar de perto o crescimento do novo hospital, convicto de que uma obra desse gênero, uma vez em andamento, não poderia parar.

Foi aí que eu tive a primeira decepção e muitas outras ainda viriam. Comecei a perceber como era grande a diferença entre a iniciativa privada e a administração pública. Jamais poderia imaginar que houvesse tantas dificuldades a vencer; tanta burocracia e tantos caminhos a percorrer, desde a planta — que não foi permitido fosse feita em Blumenau — até a simples autorização para a obtenção dos meios iniciais para a obra.

É necessário recordar que naquela época o regime político-administrativo do país ainda era o do “Estado Novo”, a que já me referi e que mantinha centralizada na esfera da Presidência da República, praticamente, toda a legislação essencial, restando apenas uma reduzida autonomia aos Governos estaduais e nenhuma às Prefeituras Municipais. Todos os processos administrativos municipais tinha de percorrer caminhos muito longos e demorados em Florianópolis e na Capital da República, antes que pudessem ser postos em prática nos municípios. (Continua)

A TESE DO DR. GEMBALLA

Por Enéas Athanázio

Guilherme Gemballa (1914/1970) foi o primeiro farmacêutico brasileiro a defender tese para obtenção do título de doutor e sem objetivar a conquista da cátedra ou livre-docência universitárias. Depois de muitos anos de observações, pesquisas bibliográficas, experiências laboratoriais e de campo, na região do Alto Vale, elaborou um trabalho único na literatura brasileira especializada e que, em face do esquecimento, a que se encontra relegado, está a merecer um comentário, ainda que partindo de um leigo.

A tese, apresentada à Faculdade Nacional de Farmácia, da Universidade do Brasil, buscava o título de doutor em Farmácia e Bioquímica e foi publicada no Rio de Janeiro, no ano de 1955. Não apenas pelo inusitado da empreitada, mas também pela originalidade do seu conteúdo, mereceu destaque na imprensa da época e colocou desde logo o seu autor em posição de relevância cultural e científica. Representativos órgãos da imprensa especializada, sem falar em outros,

abriram manchetes para comentar o feito, entrevistando e biografando o primeiro e único brasileiro a obter a láurea. (1) O acontecimento foi considerado um fato histórico para a Farmácia, marcando o início de uma campanha, de que Gemballa foi dos inspiradores, pela valorização profissional da classe.

O trabalho é hoje um volume raro, dificilmente encontrado, o que é de lamentar, eis que diz respeito a uma espécie vegetal então abundante no Vale do Itajaí e outras regiões do Estado. Tinha por título "Contribuição para a caracterização da essência de *Ocotea Pretiosa Mez*" (essência de sassafrás brasileiro) e se dividia em três partes. Custou ao autor cerca de seis anos de estudos e pesquisa.

Iniciou as suas observações através de uma incursão histórica na exploração da essência, a começar pelo industrial Otto Grimm, cuja fábrica de Ribeirão do Tigre, município de Rio do Sul, abriu a produção em escala industrial, no ano de 1940. A aceitação do produto no mercado internacional acarretou autêntica corrida ao **habitat** da espécie, com o corte indisciplinado das árvores que o forneciam. Em 1945, porém, a repartição americana competente, subordinada ao U. S. Department of Agriculture, exigiu que a espécie, também chamada "óleo de sassafrás brasileiro", fosse denominada exclusivamente pelo seu nome científico para que pudesse entrar nos Estados Unidos.

Diante das dúvidas existentes, eclodiu acirrada polêmica entre os estudiosos. Botânicos nacionais e estrangeiros foram consultados sem que se chegasse a nenhuma conclusão, enquanto o produto se avolumava espantosamente nos barracões do porto exportador. (2)

Objetivando solver as dúvidas e determinado por um interesse de autêntico cientista, Guilherme Gemballa, a quem o problema fascinava de longa data, debruçou-se sobre o tema. Buscou, em longas e estafantes pesquisas, acender a vela na escuridão, encontrar as soluções e contribuir para alargar os nossos conhecimentos a respeito desse espécime da flora variegada de Santa Catarina.

Partiu em excursão pelo próprio **habitat** natural da árvore, nos municípios de Rio do Sul, Ituporanga, Taió, Ibirama, Indaial e Timbó, visando obter a determinação botânica sistemática da ou das espécies originárias. Fez um estudo anatômico do lenho e da casca do tronco para esclarecer pontos obscuros ainda existentes.

Por vários meses efetuou ensaios toxicológicos nos laboratórios da Universidade de São Paulo para fixar a exata posição do safrol como componente da essência. Para isso, a par de uma grande cultura no setor, valeu-se de métodos sistemáticos e rigidamente científicos. Em Rio do Sul, já no ano de 1950, instalava um laboratório de análises e pesquisas com o mesmo objetivo. (3)

Suas conclusões, fundamentadas em tão vastas pesquisas, esquematizadas e ilustradas na obra, foram acolhidas e abriram caminhos na confusão reinante, o que confere ao trabalho de nosso coetadano as galas de uma notável contribuição científica, integrada em definitivo ao acervo da nossa cultura no importante campo. Com rara

serenidade, largo conhecimento e impressionante firmeza de convicções, o modesto farmacêutico interiorano submete às sumidades do país, na então Capital da República, os resultados de tão longo e vasto aprendizado. No dia 2 de maio de 1956, concluído o Curso de Doutorado, Guilherme Gemballa defende a sua tese na sala de Botânica da Faculdade Nacional de Farmácia. A Comissão Examinadora é composta pelos Professores Mário Taveira, Osvaldo de Almeida Costa, Paulo de Góes, Emilio Diniz da Silva e Paulo Occhioni, a assistência é enorme e a imprensa registra a presença de figuras de proa, como Fábio Márcio Trindade, Jaime Cruz, Maria Luiza Bethlem, o Professor Kuhlmann, todas altamente destacadas nos meios profissionais, além de outras. Submetido a severo exame, defendeu suas posições científicas com brilhantismo, e, — fato raro em tais ocasiões, — obteve da banca, por unanimidade, o grau máximo com distinção, com nota 10. O exame, como é de imaginar, despertou vivo interesse nos meios universitários, nos círculos farmacêuticos e na imprensa, conferindo-lhe de imediato notável projeção. No dia 4 do mesmo mês, perante o Conselho Departamental, com grande presença de público, Gemballa colava grau como doutor em Farmácia e Bioquímica. (4)

Estabeleceu a tese que a essência é destilada de uma só e única espécie, cujo nome correto é **Ocotea Pretiosa Mez**, as suas propriedades e a sua baixa toxicidade.

O trabalho de Gemballa deu novas perspectivas às aplicações e ao aproveitamento da essência, tanto na indústria como nos laboratórios. Trabalho sério e metucioso, vasado em excelente linguajar, sua leitura cativa até mesmo aos jejunos, — como o despretencioso autor destas notas, — na complexa matéria. E Gemballa, no decurso dele, revelou o pulso de um incansável cientista.

Não pretendemos aqui, de forma alguma, esgotar o tema, em especial nas suas nuances técnicas, mesmo porque o assunto exigiria conhecimentos especializados. Muito menos analisar, em seu todo, a figura humana de Gemballa em suas múltiplas atividades. Nosso desejo foi apenas o de registrar um exemplo, tão próximo e tão nosso, de uma dedicação à Ciência que chega a ser comovente.

NOTAS

- (1) "Correio do Mundo Farmacêutico", edições de 30/04/56 e 20/01/59; "Gazeta da Farmácia", edições de abril de 1956, maio de 1956 e janeiro de 1959. Esta última o elegeu "O farmacêutico do mês", em janeiro de 1959; aquele o colocou entre os "Farmacêuticos do ano", no mesmo mês e ano.
- (2) A tese revela bem, através de incontáveis citações, a confusão e a perplexidade existentes, notadamente na sua "Introdução geral" e na "Discussão dos resultados da primeira parte".
- (3) "Biografia de um personagem ilustre", pág. 4.
- (4) Extrato da ata fornecida pela Universidade do Brasil, Faculdade Nacional de Farmácia, Curso de Doutorado.

A "HARMONIE - GESELLSCHAFT"

Elly Herkenhoff

(Conclusão)

E, deflagrada a II Grande Guerra Mundial na Europa, com reflexos profundos e dolorosos também em Joinville, houve um certo retraimento na vida social da cidade em que tantas sociedades tão pujantemente antes floresciam.

Em 1951 — já no limiar de uma nova era da Humanidade, a Era da Televisão — a Harmonia-Lyra contribuiu com um soberbo espetáculo de bailados e um grande concerto sinfônico, para o brilho das festividades por ocasião do Centenário de Joinville, e sete anos mais tarde, comemorou o primeiro centenário da "Harmonie" com a apresentação de uma peça teatral sob o título "Festa Artística na Corte", de autoria de José de Diniz — peça baseada na tela que atualmente se encontra exposta no "Salão Azul" na sede da Harmonia-Lyra. Essa tela, que serviu de pano de boca do palco no salão Berner, à rua Nove de Março, na época em que ali era a sede da "Harmonie-Gesellschaft", apresenta um grupo de damas e cavalheiros, tendo como figuras principais a Rainha Elisabeth I da Inglaterra e o imortal William Shakespeare, no momento em que este declamava — possivelmente uma de suas poesias — diante da soberana.

A tela não traz assinatura mas, segundo rezava a tradição em Joinville, é obra de um pintor alemão que aqui passou algum tem-

po e, endividado, pagou o que devia, com o magnífico pano de boca, entregue à "Harmonie-Gesellschaft". Esta a tradição oral — hoje caída no esquecimento.

Mas, recorramos, mais uma vez, à nossa inesgotável fonte, o "Kolonie-Zeitung" que, a 4 de março de 1882, dava uma notícia aparentemente sem grande significado, comunicando a chegada do sr. Hugo Calgan, de Berlim, Alemanha, o qual pretendia realizar aqui em Joinville "apresentações de física recreativa" e no dia 11 do mesmo mês e a no, o jornal, anunciando para a noite de domingo, dia 12, a primeira apresentação de H. Calgan, no salão dos Irmãos Kuehne — hoje sede da Liga da Sociedade Joinvillense — chamava a atenção do público sobre a variedade do programa, ao mesmo tempo que apresentava a esposa de H. Calgan como sendo filha de um célebre compositor de Berlim e excelente cantora, acrescentando:

"O sr. H. Calgan, discípulo do célebre pintor paisagista e viajero Hildebrandt, rivaliza com o seu mestre na arte de paisagista e retratista. As belezas naturais do Brasil induziram o sr. Calgan a empreender a sua viagem até nós e em todas as localidades que visita executa desenhos, que serão futuramente incorporados a uma obra a ser editada na Alemanha. Algumas de suas telas já foram expostas no Rio de Janeiro e em

São Paulo, e de acordo com os jornais que temos em mão, obtiveram elogios unânimes dos peritos em Arte. Merecem destaque especial duas grandes telas a óleo: uma, representando o interior da Catedral, quando das cerimônias fúnebres em homenagem ao General Osório. A outra, representando o adro da igreja de S. Francisco por ocasião da festa de São Benedito. — Durante a estada do sr. Calgan no Rio, as suas apresentações de física recreativa foram honradas com a presença de S. M. o Imperador e bastante aplaudidas”.

No dia 20 de abril do mesmo ano, o “Kolonie-Zeitung” dizia:

“Pinturas a óleo. A tudo aquilo que já foi dito sobre as obras de arte do sr. Calgan, quando da inauguração do seu ateliê, só temos a acrescentar que as suas telas são realmente de grande categoria e chamamos a atenção de todos os amigos da Arte sobre dois retratos expostos na loja do sr. Jordan.”

E dois meses mais tarde, a 17 de junho, o mesmo jornal, comentando a bellissima apresentação e o desempenho extraordinário do elenco da “Harmonie-Gesellschaft” na peça teatral “Die Grille” (A Cigarra), acrescentava:

“Ainda merecem destaque todo especial os novos bastidores encomendados pela diretoria da Sociedade e primorosamente executados pelo pintor acadêmico Hugo Calgan, de Berlim, num trabalho digno de qualquer palco europeu”.

No dia 6 de agosto, o mesmo jornal realçava a beleza dos bastidores criados pelo pintor Calgan,

para a peça “Unsere Frauen” (Nossas Mulheres). A 6 de outubro, após um comentário da peça “Veilchen” (Violetas), apresentada pela Sociedade, dizia o jornal:

“Ainda merece especial destaque o sr. H. Calgan, atual pintor da Sociedade, o qual conseguiu realmente efeitos magníficos com as suas novas decorações do palco. Mais uma vez o sr. Calgan deu provas cabais de sua invulgar capacidade no setor”.

A Gazeta de Joinville, em dezembro do mesmo ano, publicava o seguinte:

“Ao sr. Calgan o Clube Joinvilense manifesta a sua gratidão pelo obséquio que lhe fez, prestando-se em curto espaço de tempo, a preparar a transparente da effigie de S. M. o Imperador”.

Além de todas essas referências elogiosas, há no jornal os anúncios dos espetáculos organizados pelo próprio Hugo Calgan, como por exemplo a apresentação da peça em 4 atos “Dunkle Schatten” (Sombras Escuras) de autoria de Caroline Salgan, esposa do pintor e primeira atriz da peça, sendo de responsabilidade de H. Calgan a decoração dos 4 ambientes: sala de visitas, sala de estar, praça pública de uma cidade, floresta e cascata. E há os anúncios de suas apresentações de física recreativa em diversos “Salões” — Salão Kuehne, Salão Berner, situados na Cidade, além dos espetáculos na zona rural: no Penski, no Koerner, etc. falando de “fogos chineses” repuxo maravilhoso “Agioskop”, repuxo “calospintecromocrene” e ainda, maravilhas do microscópio com palestra cien-

tífica da senhoria Calgan...

A 4 de março de 1883 enfim, simultaneamente com o anúncio de uma grande festa pirotécnica e aquática chinesa, com participação da banda de música Rosens- tock, o tão versátil e incessante criador de obras de arte, comunica no "kolonie-Zeitung".

"Tencionando eu ficar após esta última apresentação, por bastante tempo ainda nesta cidade, peço ao respeitável público, que sempre continue a me honrar com as suas encomendas. Recomendo-me como pintor retratista assim como para execução de pinturas de venezianas e todos os demais trabalhos do gênero. Preços baratíssimos. Hugo Calgan".

E, a partir daquela manifestação, nenhuma referência, nem mais um traço de Hugo Calgan. Porquê? Teria o casal deixado a Cidade, repentinamente e sem se despedir pelo jornal, como era de praxe? E porque a partida inesperada? Motivos de saúde? Dificuldades financeiras? Questões de família? Divergências com a diretoria da "Harmonie"? Ninguém, ninguém mais existe para responder a tantas indagações e dos inúmeros bastidores e peças decorativas criadas pelo artista, nada mais nos resta.

Existem porém, em nosso Museu de Imigração e Colonização sete telas magistrais, assinadas por Hugo Calgan, pintadas em . . . 1882 e 1883, aqui em Joinville, sendo dois retratos do casal Heinrich e Barbara Jordan, dois do casal Carl e Barbara Obst e dois do casal Salvador e Francisca Gonçalves Correa, além de uma impressionante obra, que mais pare-

ce inspirada pela nostalgia, criada pela dor de uma saudade — ou, quem sabe talvez, tenha sido peça decorativa na sala de visitas do palco, por ocasião do espetáculo de Caroline Calgan?... E existe, exposta no "Salão Azul" da sede da Harmonie-Lyra, a tela — não assinada — que serviu de pano de boca muito antes da fusão da "Harmonie" com a "Lyra". Não assinada, como não assinados eram, certamente, os inúmeros bastidores executados por Hugo Calgan em Joinville. Não assinada — mas traçada pela mão segura do artista, como seguras são as linhas das telas assinadas por Hugo Calgan, e doadas ao nosso Museu. A mesma vibração intensa, a mesma expressividade, a mesma preocupação com as minúcias, a mesma delicadeza das nuances, tanto nas obras expostas no Museu, como na tela existente no Salão Azul da sede da Harmonia-Lyra — a magnífica tela criada pelo mestre Hugo Calgan, naquele risonho ano de 1883...

Hoje, cento e vinte anos depois da fundação, a Harmonia-Lyra continua sendo a associação cultural mais representativa de Joinville, embora sem as características iniciais de sociedade de teatro amador. Continua mantendo a sua orquestra quase octogenária — uma das poucas orquestras sinfônicas existentes no País — que periodicamente oferece, sempre com sucesso absoluto, os seus concertos não só aos associados, mas também ao privilegiado público joinvillense.

Cento e vinte anos nada significam na História da Humanidade. Mas quando eles nos contam da

evolução de uma sociedade cultural, fundada sete anos - sete anos! - após a implantação do modesto núcleo chamado "Schroedersort" em plena selva tropical, quando nos falam do idealismo transmitido pelos fundadores e retransmitido de geração em geração, por filhos e netos e tetranetos, os cento e vinte anos da Harmonia-Lyra assumem proporções de exemplo grandioso de civismo e, por isso, extremamente significativo para nós — como significativas para nós, todos nós que vive-

mos na Era da Televisão, da todopoderosa ditadora do nosso modo de ser, são as palavras apostas à ata de fundação da "Harmonie-Gesellschaft", naquele longínquo e sereno dia 31 de maio de 1858, pelo secretário Ottokar Doerffel — palavras de sentido transcendental do mestre Goethe, do teor seguinte:

"Was du ererbt von deinen Vätern hast, erwirb es, um es zu besitzen!" "O que herdaste de teus ancestrais, conquista-o, para o possuíres!"

"Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau

Reinoldo Althoff

(Continuação)

CAPÍTULO V

Construção da E. T. A.

A construção da Estação de Tratamento de Água obedeceu critério especial para receber os aparelhos medidores de vazão, de dosadores de hidróxido de alumínio e hipoclorito de cálcio fornecidos pela firma Wilhelm Adolf Rein, nome naquela época conhecido do norte ao sul do Brasil pela sigla W.A.R. (Guerra em inglês), pela qual se firmava qualidade e perfeição. Wilhelm Adolf Rein era alemão naturalizado brasileiro, engenheiro mecânico, hidráulico e sanitarista com vastos conhecimentos que, revolucionaram por completo a mecânica de tratamento de água, que, até então se baseava quase que exclusivamente pelos métodos Saturnino de Brito o "Pai" da engenharia sanitária no Brasil. Métodos eficientíssimos mas um tanto complicados para manuseio por operadores e mecânicos portadores somente de estágios em cursos limitados. Rein, apesar do nome e da nacionalidade, orgulhava-se de ter comido papa de macaxeira na folha do caeté no norte, como suculento churrasco no sul do Brasil. Concorria amistosa e comercialmente com a firma Byngton, também estabelecida em São

Paulo. Os aparelhos oferecidos a Blumenau há 36 anos ainda suprem a sua finalidade, em pleno funcionamento. A sigla W.A.R., repito, em aparelhos dosadores medidores de vazão, misturadores, bombas hidráulicas e filtros fixos de piscina, descrevem um rasto indelevel no Sanitarismo Brasileiro e honram subejamente um estrangeiro com coação de brasileiro.

As primeiras bombas de recalque adquiridas para Blumenau foram dois conjuntos bomba-motor "Peerless" americanas. Cada conjunto funciona com um rotor de 18 estágios em forma de hélices mergulhados no poço de captação. Os estágios são acoplados em um eixo de 18 metros, divididos em 4 partes até atingir o motor que trabalha em sentido vertical. O eixo trabalha em mancais de borracha lubrificadas à água com orifícios para a passagem da água sob pressão. O motor tem a potência de 60 cavalos, apesar da bomba precisar de 47 cavalos efetivos. A produção de cada conjunto é de 71 litros por segundo. Como o Brasil, naquela época, era país beligerante na segunda guerra mundial, os primeiros conjuntos foram alvos de afundamento com o navio cargueiro que os transportava em alto Oceano Atlântico. Os mesmos foram imediatamente substituídos por outros, causando atraso na inauguração do serviço de abastecimento de água de Blumenau. Os conjuntos foram montados sob fiscalização e responsabilidade da Hero Hidroelétrica S.A., de São Paulo. Assistia a montagem dos conjuntos o sr. Lothar Otte, que se tornou uma pessoa de confiança do engenheiro Rein na montagem de todo o aparelhamento da E.T.A.. Lothar Otte serviu como mecânico eletricitista com muita eficiência por diversos anos ao Serviço de Abastecimento de água de Blumenau, tornando-se digno de todos os elogios pela dedicação, assiduidade e honestidade. Um problema grave surgiu durante a montagem das bombas "Peerless": o piso que sustentava as bombas deu sinal de afundamento. Com muita dificuldade conseguimos firmar por baixo uma viga de aço em forma de I, que garantiu plenamente a sua resistência.

Também houve lapso no ancoramento da tubulação de recalque em função do recebimento do polpe de ariete (que se manifesta todas as vezes nas paradas dos motores das bombas), todos os reflexos davam diretamente na casa de bombas, que poderia, eventualmente, causar danos incalculáveis. Resolvemos o caso com uma série de ferros de ancoragem e um enorme bloco de cimento envolvendo uma curva na tubulação bem no ponto da entrada da casa de bombas, pegando uma boa parte da rocha massiça.

O acesso da Estação de Tratamento de Água à casa das bombas é íngreme com uma diferença de aproximadamente 50 metros de nível. Com a cooperação espontânea do pessoal em atividade na E.T.A., conseguimos uma escada rústica, com pontas de tábua de andaime. Para a confecção do material para carregamento dos filtros compostos de camadas heterogeneas de seixos rolados e areia, a firma Rein mandou construir um galpão na baixada do Bairro da Boa Vista, junto à

Ilha dos Amores, onde efetuaram-se os serviços de granulometris, sob a orientação do técnico da mesma firma. As telas de diversas bitolas para o desempenho deste serviço foram adquiridas no comércio local. A duração do serviço de ganulometria foi de 8 meses com 5 operários braçais.

Quando da construção da ponte de ferro da Estrada de Ferro Santa Catarina, foram recrutados muitos operários braçais de outros municípios, sem alguma seleção em matéria de comportamento social ou cultural. Estes operários aglomeraram-se nas adjacências da cabeceira da margem direita do rio, na ponte em construção e nos terrenos devolutos e íngremes, construindo os seus barracos com restos de madeira de construção, tambores vazios abertos e sacos de cimento vazios. Formaram um quarteirão de favelados que denominava-se de "Farroupilha". Ali viviam em promiscuidade e prostituição. Entre eles também, elementos de boa antecedência, mas forçados ao ambiente pela extrema pobreza.

Terminada a construção da ponte, o pessoal continuou morando por ali e se transformaram, os homens em jornaleiros e biscateiros e as mulheres em faxineiras e babás. Chegaram mesmo a ser útil à coletividade. Como o regime era de favela, houve ali casos de malandragem, brigas, homicídios e prostituição. O que difamava qualquer morador. Durante a guerra de 1939 a 1945, o pessoal era muito visado pelas autoridades policiais.

O abastecimento de água já tinha adquirido normalidade, quando por boatos, se soube que, alguém tinha proposto a jogar veneno no reservatório de distribuição de água para a população. Foi da vez que a Prefeitura exigiu vigilância e o exército deslocou um certo número de praças que se revejavam em volta do reservatório diurna e naturalmente, até que ficou esquecido o incidente.

Mais tarde o sr. Roberto Bayer provou ser o proprietário legal daquela gleba de terra, e aos poucos conseguiu desalojar os moradores ilegais. Atualmente, aquele recanto se acha arborizado e praticamente urbanizado.

Ao mesmo tempo que evoluíam os serviços de construção da Estação de Tratamento atacaram-se os serviços do R. I. (reservatório I) que foi construído a 30 metros de distância da Estação de Tratamento, constando de 2 tanques circulares de concreto armado, com capacidade de 1.000.000 litros. São ligados entre si, por meio de registros, possibilitando o vazamento de cada um independentemente para limpeza ou outra razão qualquer. Ambos tem ligação individual de comunicação com a rede de distribuição para a cidade por tubulação de ferro fundido de 300 m/m e uma ligação de comunicação com a rede de distribuição com a Ponta Aguda, de 150 m/m em P.V.C. rígido.

(continúa)

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

A CAMINHO DA REDAÇÃO, de Elidia Stieven Bastos Editora Lunardelli, 1979.

Mais um livro didático nas livrarias, desta feita dedicado a professores de português e aos alunos candidatos aos exames supletivos e cursos vestibulares.

Os editores justificam o lançamento: “Numa época de pouca leitura, é necessário a fixação de conhecimentos sobre a técnica da Redação, principalmente a partir do momento em que ela passa a ser matéria obrigatória nos referidos exames”.

CONTISTAS E CRONISTAS CATARINENSES, vários autores. Editora Lunardelli, 1979.

Como participante desta antologia eu seria suspeito para falar. Suspeito se não fossem mais de oitenta outros autores, que também figuram nesta edição, que consideramos um marco notável nas letras catarinenses. São contistas e cronistas, na sua maioria inéditos, sem possibilidade de publicar seus trabalhos, e que agora vêem seus escritos divulgados. Talvez seja esse, para muitos, o alento para que deixem de ser escritores bissextos e iniciem uma brilhante trajetória nas letras catarinenses.

Odilon Lunardelli explica que “a decisão de publicar contos e crônicas de autores catarinenses, de todas as idades e dos quatro cantos do Estado, nasceu do propósito, que faz parte da vida do nosso coração, de dar, de um modo mais generoso possível, correndo mesmo o risco de ver criticado o nível de muitas composições reunidas, a todos que, em Santa Catarina, tentam colocar no papel, mais ou menos bem, mais ou menos mal, o que lhes suplica uma vontade muito humana de comunicar-se, e, comunicando-se, oferecer, por certo, aos leitores de nossa e outras terras, um pouco de nossa alma: um retrato de nossa pequena pátria e de seus habitantes”.

E foi assim que surgiram de todos os recantos catarinenses dezenas de contos e crônicas, aqui reunidos com a fotografia e os dados biográficos de cada autor, neste trabalho louvável da Lunardelli.

A PONTE — Jornal semanal da Editora Lunardelli

Já está circulando, no seu terceiro mês de existência, o jornal “A Ponte”, da Editora Lunardelli, e que, além de divulgar livros, também se constituiu num jornal de serviço. Nem por isso, deixa de lado o jornalismo mais sério e tem publicado, a cada edição, matérias boas

e interessantes. Também as colunas fixas contam com colaboradores expressivos, como Silveira Jr. e Salomão Ribas.

Como se vê, e pelas nossas análises de hoje, a Lunardelli continua liderando o movimento editorial cultural de Santa Catarina.

“A Ponte” começou a ser editado exclusivamente com “circulação dirigida”. A resposta do leitor foi tão boa que logo em seguida começou a venda em bancas. E já está ao dispor do leitor, também, a assinatura anual, que é módica: por 52 números, Cr\$ 250,00. Para os interessados, a Caixa Postal é 263, Florianópolis.

BOI DE MAMÃO — Revista periódica de cultura, editada pela Fundação Catarinense de Cultura.

Mas, para que não se pense que outros também não desenvolvem atividades culturais em nossa terra, é com satisfação que recebemos o exemplar número Zero da Revista/Jornal “Boi de Mamão”, que pretende ser publicada com regular periodicidade, a partir de agora, pela Fundação Catarinense de Cultura, órgão ligado à Secretaria de Esporte, Turismo e Cultura do Estado. Não só as letras são divulgadas pela nova revista: ali também estão presentes as artes plásticas, o artesanato, o cineclubismo, etc.

ACONTECEU...

Agosto de 1979

— DIA 1º. DE AGOSTO — Naquele dia a imprensa local divulgou a decisão do Prefeito Renato de Mello Vianna, de denominar a nova Estação Rodoviária de “Prefeito Hercílio Deeke”, em homenagem ao saudoso homem público falecido há pouco mais de um ano.

— DIA 1º. DE AGOSTO — Reuniu-se, pela primeira vez, a Comissão Especial Organizadora dos festejos da Semana da Pátria, contando com representantes do Executivo, do Legislativo, do 23º. Batalhão de Caçadores, das Escolas estaduais, municipais e particulares e dos sindicatos de classe.

— DIA 1º. DE AGOSTO — Foi aberta às 20,00 horas, na Biblioteca do Centro Interescolar do Segundo Grau, no bairro da Escola Agrícola, a Exposição Filatélica e Lançamento de Selos alusivos à data do “Dia do Selo Postal Brasileiro”. A promoção foi do Clube Filatélico de Blumenau e do CIS.

— DIA 1º. DE AGOSTO — Entrou em funcionamento em Blumenau a Rede de Alerta do PX Clube de Blumenau, sistema a ser desenvolvido pelos radio-amadores possuidores da “faixa cidadão”, em convenio com a Secretaria de Segurança e Informações.

— DIA 2 DE AGOSTO — Foi fundada, naquele dia, em Blumenau, a Coordenadoria das Entidades de Senhoras do Rotary Distrito 465, tendo a reunião sido realizada a tarde nas dependências da Sociedade Ipiranga, em Itoupava Seca.

— DIA 2 DE AGOSTO — Foram reiniciadas as atividades da Escola de Balet no Teatro Carlos Gomes, sob a direção do Prof. Pedro Dantas Rodrigues.

— DIA 2 DE AGOSTO — Foi encaminhado à Câmara de Vereadores o projeto de lei que declara de utilidade pública o Clube de Rádio-amadores de Blumenau, fundado em 1972.

— DIA 2 DE AGOSTO — O Secretário de Finanças da Prefeitura de Blumenau, advogado Dalto dos Reis, especialmente convidado pela Câmara de Vereadores de Tubarão, proferiu, às 18 horas daquele dia, uma palestra no recinto daquela casa do povo, da cidade azul, versando sobre as razões pelas quais Blumenau desistiu, no ano de 1977, do projeto CURA, apesar de ter tido aprovadas as pretensões ao mesmo, preferindo executar a maioria das obras com recursos próprios.

— DIA 3 DE AGOSTO — Foi divulgado, pela imprensa, o termo aditivo ao edital de concorrência pública para as obras de construção da primeira etapa do novo prédio da Prefeitura Municipal de Blumenau, a ser localizada no mesmo local em que existia, antigamente, a estação da EFSC.

— DIA 5 DE AGOSTO — Realizou-se, no Clube de Caça e Tiro Passo Manso, a festividade de abertura do VIII Encontro Blumenauense de Atiradores, cumprindo a primeira etapa com o Torneio de Tiro, do qual participaram 23 sociedades. Venceu o torneio, mais uma vez, a Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte, chegando em segundo lugar, a equipe do Clube de Caça e Tiro Testa Salto, o primeiro com 1.153 pontos e o segundo com 1.150.

— DIA 7 DE AGOSTO — O Prefeito Renato Vianna, em Brasília, é recebido pelo Ministro do Interior Mário Andreazza, ao qual reivindica uma série de benefícios para o município de Blumenau.

— DIA 7 DE AGOSTO — A Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Blumenau divulgou o relatório das atividades daquela Secretaria referente ao mês de julho, registrando as estatísticas 1.360 horas de trabalho dos micro-tratores e 533 horas com o trator esteira, atendendo 23 propriedades nas mesmas regiões coloniais do município.

— DIA 8 DE AGOSTO — Fiscais do Instituto Brasileiro de Defesa Florestal — IBDF — aplicam a multa de Cr\$ 1.368,00 ao agricul-

tor Rodolfo Tribess, de Tatutiba I, por haver abatido árvores sem a devida licença do citado órgão.

— DIA 8 DE AGOSTO — O Secretário de Finanças advogado Dalto dos Reis e o Diretor do Depto. de Serviços Urbanos, engenheiro Mauro Mello, da Prefeitura de Blumenau, especialmente convidados, fazem palestra, respectivamente sobre o Projeto Cura e Aterro Sanitário, por ocasião da realização do II Congresso Nacional de Serviços Públicos, realizados deste dia até o dia 11 do mês, em Londrina - Pr.

— DIA 10 DE AGOSTO — Foi inaugurado, pelo prefeito Renato Vianna, às 18 horas daquele dia, o sistema de abastecimento de água da rua Araranguá, dotado de um reservatório com capacidade para armazenar 100 mil litros, mais uma sub-estação com capacidade para 150 mil litros de água e que numa primeira etapa irá beneficiar 700 famílias. A obra custou ao SAMAE dois milhões de cruzeiros.

— DIA 10 DE AGOSTO — Instala-se em Blumenau a segunda reunião dos prefeitos das cidades catarinenses de médio norte.

— DIA 10 DE AGOSTO — O Prefeito Renato Vianna recebeu, nesse dia, uma carta do Prefeito Manfred Rommel, de Stuttgart, Alemanha, na qual ele confirma a possibilidade de vir a Blumenau em 1980, por ocasião dos festejos dos 130 anos de fundação da cidade.

— DIA 15 DE AGOSTO — Pela Assessoria de Planejamento da Prefeitura de Blumenau, foi divulgada, naquele dia, a relação dos loteamentos irregulares existentes no município de Blumenau, cujo número é de dezenove.

— DIA 16 DE AGOSTO — Naquela quinta-feira, realizou-se no recinto da Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Mueller", a Noite de Autógrafos promovida pela Livraria e Editora Lunardelli e a Fundação "Casa Dr. Blumenau", para lançar os livros dos autores blumenauenses Urda Alice Klueger — O VERDE VALE e José Gonçalves — DICO, O SERTANEJO HERÓI. Excelente presença.

— DIA 17 DE AGOSTO — Inaugurada a exposição de gravuras do artista Rubens Ostroem, no hall da FURB, às 20,30 horas.

— DIA 20 DE AGOSTO — Trabalhadores textéis de Blumenau iniciam movimento reivindicatório visando obter aumento salarial de 80 por cento.

— DIA 22 DE AGOSTO — Foi inaugurada, à rua Marechal Deodoro, no bairro da Velha, moderna Feira Livre Municipal, construída pela Secretaria de Agricultura do município e que contém 320 me-

tros quadrados, podendo abrigar 20 feirantes. A inauguração foi presidida pelo Prefeito Renato Vianna.

— DIA 24 DE AGOSTO — Realizou-se, no Restaurante do Quartel do 23º. B.C., o almoço de confraternização, reunindo oficiais da ativa e da reserva, sargentos, cabos e soldados, como parte do programa da semana de Caxias.

— DIA 26 DE AGOSTO — Dia de sucesso blumenauense no Campeonato Brasileiro de Skat. O blumenauense Willy Wolff, do Clube de Caça e Tiro Serrinha, conquistou, naquele dia, em São Paulo, o 1º. lugar no citado certame. O Campeonato Brasileiro de Skat reuniu 250 jogadores de São Paulo, Sta. Catarina, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Minas Gerais. Wolff conseguiu 4.298 pontos, enquanto que o segundo lugar coube também ao catarinense Gerhard Schraeder, de Arolândia, com 4.145 pontos, chegando em terceiro lugar outro catarinense, de Massaranduba, o sr. Gustavo Rode.

— DIA 26 DE AGOSTO — Equipes da Associação Atlética Textil Cia. Hering, de Blumenau, obtiveram o 1º. lugar no Campeonato Estadual de Atletismo, realizado em Rio do Sul e representando a Comissão Municipal de Esportes de Blumenau.

— DIA 25 DE AGOSTO — No recinto da Câmara Municipal tem lugar a eleição do novo Diretório e respectiva Comissão Executiva do Movimento Democrático Brasileiro, secção de Blumenau, tendo, no final do dia, após as apurações, sido eleito presidente da Executiva o advogado João de Borba Neto, que exerce atualmente as funções de Chefe de Gabinete do Prefeito Renato Vianna.

— DIA 26 DE AGOSTO — Encerrou-se, na sede do Centro Cultural 25 de Julho, o VI Encontro Internacional de Cantores, que, a exemplo dos anos anteriores, alcançou o mais completo êxito pela qualidade artística apresentada e pela frequência de público, assim como pelo comparecimento dos grupos representativos.

— DIA 29 DE AGOSTO — Instalou-se em Blumenau, no Teatro Carlos Gomes, a X Jornada Catarinense de Odontologia, com o curso: Odontologia Preventiva, ministrada pelo dr. Paulo Verney Ramos.

— DIA 31 DE AGOSTO — A Fundação Catarinense de Cultura promoveu no Tabajara Tennis Clube, uma Noite Coletiva de Autógrafos, como parte da Festa de Queijos e Vinhos realizada na mesma noite, cujo resultado financeiro destinou-se à APAE de Blumenau. Sucesso absoluto, com notável comparecimento da sociedade blumenauense e autores catarinenses. Nossos cumprimentos aos organizadores da noite — Jornalista Carlos Mueller e Poeta Lindolfo Bell.

O TEATRO EM BLUMENAU - X

Edith Kormann

No dia 1º. de maio de 1954 reuniram-se Otto Baumeier, Rudi Kleine, Harry Ferber, Franz von Knoblauch, Karl Genster, Karl Kuester, Ernst Kieckbusch, Paul Frieckknecht, Willy Siebert, Carlos Frank, Willibald Koenig, Albert Schmider, August Fey, Alfred Zinkhahn, Hermann Hofschult, Oswald Buerger, Eugen Seelbach, Gertrud Gross e Eduard Fischer para fundarem em Blumenau, com o objetivo de preservar e manter os valores culturais dos nossos antepassados, o "Centro Cultural 25 de Julho". Este propósito está inserido nos Novos Estatutos Sociais letra B do Art. 2 — "Manter contáto com a cultura daqueles países, donde descendem nossos associados, conservando os idiomas, costumes e tradições que contribuiriam para a formação de um patrimônio cultural, que profundamente cultivado entre nós, deve ser posto a serviço do Brasil, no momento de seu progresso".

Desde sua fundação o "Centro Cultural 25 de Julho", através de suas promoções artísticas e culturais tem divulgado condignamente e com sucesso a arte e cultura de nossa gente, além das nossas fronteiras. O "Centro Cultural 25 de Julho" mantém constante intercâmbio com entidades congêneres mormente teatro e grupos corais. O Centro recebe artistas e grupos estrangeiros da Alemanha, Argentina, Uruguai e Paraguai. Os corais e grupo teatral, além de se apresentarem em nosso Estado, os corais se apresentaram em Porto Alegre e Novo Hamburgo e o grupo teatral, a convite, apresentou-se em S. Paulo, Paraná, Monte Carlo e Eldorado (Misiones/Argentina).

Desde 1971, data em que foi instituído, funciona bienalmente "O Encontro Internacional de Cantores", que reúne em média 700 cantores inclusive estrangeiros.

Funcionam no "Centro Cultural 25 de Julho": o coral masculino "Liederkranz" (média de 30 cantores), coral misto (média 40 cantores) e o coral infanto-juvenil e grupo de danças folclóricas com mais ou menos 50 participantes.

O grupo teatral iniciou efetivamente suas atividades em 1976 com a peça: "Minha sobrinha, tua sobrinha" (7 apresentações), em 1977 foi encenada a peça: "Herança no Tirol" (13 apresentações), e em 1978 a peça: "Minha esposa é emancipada" (15 apresentações).

O Corpo de Dança "Maria de Caro", em 1978, iniciou cursos de ballet clássico, moderno e danças folclóricas.

A sede do "Centro Cultural 25 de Julho" está situada na Rua Alberto Koffke n.º. 354. Tem sede própria construída numa área de terras de 12.000 metros quadrados. A sede conta com um salão para aproximadamente 800 pessoas, restaurante, palco, salão de ensaios para corais e grupo teatral, sala de ensaios para danças, biblioteca, sala da diretoria e cancha de bolão.

Além da programação cultural a sede social é também usada para eventos sociais e a programação anual inclui:

Fevereiro/março - Páscoa; 1º. de maio - Dia da Fundação; Maio - Dia das Mães; Junho/Julho - Festa Junina; Julho - Dia da Imigração;

2 de Setembro - Fundação da Cidade; Dezembro - Concerto de Natal e Natal para as crianças.

O "Centro Cultural 25 de julho" é de Utilidade Pública pelo Decreto Lei N°. 1144 de 6/11/1954, seu atual presidente é o Sr. Friedrich W. H. Ideker.

O Grupo Teatral "Phoenix" da FURB, foi fundado no dia 06 de março de 1974. Foram fundadores: Edith Kormann, professora de Artes Cênicas da FURB, e os estudantes: Sérgio Ivan Wollstein, Reynaldo Wilmar Pfau, Renato Fenilli, Cláudio Viebrantz, Griseldis Metzger, Carmen Coimbra, Ana Ilse Michels, Ingelore Liesenberg, Dorival Uier, Roberto Severiano Felski, Eliane Wiederkehr, Plínio Verani Jr. e Norma Schrickte. O primeiro espetáculo apresentado pelo Grupo Teatral "Phoenix" foi "Quem casa quer casa" de Martins Penna, no dia 27 de maio de 1974, durante o VIII Festival de Teatro Amador de Santa Catarina, classificando-se em primeiro lugar. Seguiram-se os espetáculos: "Comuna de Bravos" do Prof. José Ferreira da Silva (homenagem ao sesquicentenário da imigração alemã); "Prólogo de O homem do princípio ao fim" de Millôr Fernandes; "Viuva, porém honesta" de Nelson Rodrigues; "Os loucos" de Roberto Severiano Felski; "Os sete gatinhos" de Nelson Rodrigues.

A equipe de teatro do Curso de Educação Artística da FURB, apresentou no dia 26 de maio de 1974, o seu primeiro espetáculo: "Josefina e o ladrão" de Lucia Benedetti, que participou, sem concorrer, do VIII Festival sendo considerado o "melhor espetáculo do Festival". Seguiram-se: "O casaco encantado" de Lúcia Benedetti; "Putz, a menina que buscava o sol" de Maria H. Kuehner; "O cavaleiro azul" de Maria Clara Machado. Para 1979, Ano Internacional da Criança, o Grupo "Phoenix" e a equipe do Curso de Educação Artística montaram as peças: "A menina e o vento" e "A volta do Camaleão Alface" de Maria Clara Machado. Os espetáculos foram apresentados no Vale do Itajaí (Brusque, Gaspar, Inaial, Benedito Novo, Rodeio, Pomerode, Timbó, Testo Central, Ilhota, bairros, escolas, centros sociais, etc.), e nas mais distantes cidades do nosso Estado (Coronel Freitas, Joaçaba, Concórdia, Lages, Lauro Mueller, Itajaí, Joinville, Florianópolis, etc.). Os espetáculos não visam lucros e sim a difusão do Teatro em nosso Estado. O Grupo Teatral "Phoenix" da FURB é de Utilidade Pública Municipal pela Lei n°. 2364 de 14/6/78. Os Estatutos são registrados no Cartório de Registro de Títulos e Documentos de Getúlio V. Braga sob n°. 001, livro A-7 e fls. 290 V de 11/2/1976. O Grupo "Phoenix" tem registro na Fundação Catarinense de Cultura sob n°. 79 de ... 07/12/77. Os espetáculos são dirigidos pela professora de Artes Cênicas da FURB, Edith Kormann.

Grupos Teatrais funcionam nas indústrias (Artex, premiado no IV Festival de Teatro Amador com a peça: "Se o Anacleto soubesse"), colégios, centros sociais, etc. São Grupos que visam somente a arte e cultura, geralmente são efêmeros.

O Grupo Vira-Lata dirigido por Carlos Jardim é profissional.



Como é sabido, Blumenau sediará de 20 a 27 de Outubro os XX Jogos Abertos de Santa Catarina.

O Clube Filatélico de Blumenau, procurando colaborar com a maior festa do esporte amador do Estado, manteve a cerca de um ano, contatos com a Diretoria Regional da ECT em Santa Catarina, bem como com o Presidente da mesma.

Todos os esforços foram coroados de pleno êxito, pois a cerca de uma semana, o presidente da entidade recebeu ofício do Assessor da Presidencia da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, confirmando o lançamento do Carimbo Comemorativo alusivo aos XX JASC para o dia 20 de Outubro, sendo que o mesmo deverá circular de Blumenau para todo o País de 20 a 27/10/79.

O desenho (foto) é do Presidente do Clube Filatélico de Blumenau Dr. Renato Mauro Schramm, que procura a cada dia que passa, incentivar os jovens para a filatelia e numismática.

Paralelamente ao lançamento do Carimbo Comemorativo será inaugurada uma interessante mostra de selos esportivos, de propriedade do esportista Carl Heinz Rothbarth, cuja coleção já obteve os melhores prêmios em competições nacional e internacional.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

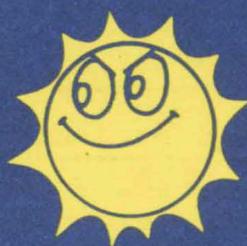
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas
Hering